

## Um ímpeto de vida

Uma antecipação da entrevista de “Cidade Nova” com Davide Prosperi. O texto completo será publicado na edição de agosto

por Michele Genisio

13.07.2022

***Vamos agora a uma pergunta trabalhosa. Dom Giussani, com o seu carisma e a forte personalidade, certamente deixou um vazio. Depois veio a renúncia de Carrón após as novas normas sobre o governo das associações laicais e a recente carta de 10 de junho do Cardeal Farrell. Parece que a Fraternidade de Comunhão e Libertação – como, aliás, outros movimentos eclesiais – está passando por um período de tribulação. É isso mesmo? O que significa para vocês este momento?***

O que a Igreja vem propondo há tempo a todos os movimentos tem um significado específico para CL. Em primeiro lugar, deve-se dizer que esta é uma **ocasião de crescimento** para todo o Movimento e para cada um de nós. Não se trata simplesmente de nos adequarmos a normas jurídicas que mudaram, mas antes temos de reconhecer que **nos foi feita uma correção que deve ser acolhida com gratidão e com uma posição de abertura para uma renovação**, mesmo na dificuldade e nas possíveis incompreensões por parte de alguns. A Igreja nunca deixou de afirmar a sua estima pela nossa experiência. Por outro lado, **é necessária uma simplicidade do coração para aceitar uma correção**. Especialmente se ela ocorrer quando se achava, ou al menos muitos achavam, que tudo estivesse indo bem. Há que ter uma grande simplicidade de coração a fim de reconhecer o que corresponde de verdade às exigências fundamentais da pessoa, as quais nem sempre são imediatamente evidentes. **Dom Giussani** dizia, a respeito disso, que **é necessária uma ascese** para reconhecer as exigências e as evidências fundamentais do coração (cf. *O senso religioso*). Às vezes, permanecer fiel às exigências do coração requer um sacrifício, e a Igreja nos está ajudando nisto. Ao mesmo tempo, eu gostaria de dizer também que **todos em CL, incluindo principalmente aqueles que acham isto mais difícil, devem poder fazer seu próprio percurso em seus próprios tempos**, e enquanto o fazem devem sentir sempre o calor da nossa companhia. **Ninguém deve sentir-se excluído**, ninguém deve sentir-se de fora, todos merecem ser ouvidos.

Agora vale a pena entrar no mérito da **correção contida na carta enviada a mim no dia 10 de junho pelo Card. Farrell**. Em que consiste? Diz respeito à chamada **“teoria da sucessão do carisma”**, que não só tem a ver com a forma como são nomeados o presidente ou os órgãos de governo de CL, mas também tem implicações educativas importantes: **trata-se de como é vivida a “autoridade”**, ou seja, a forma como se compreende a sua natureza e a sua função no seio do Movimento, e portanto também a relação entre ela e os membros da comunidade. Não é questão de normas teológicas separadas da vida, de minúcias doutrinárias de que devem cuidar os especialistas e que não tocam a experiência pessoal. Muito pelo contrário. A experiência é feita sempre e inevitavelmente quando **se segue alguém**, isto é, no caminho traçado por um **ensinamento recebido**. Uma experiência sem ensinamento é uma quimera. Neste sentido – faço questão de frisá-lo – a vida e a doutrina não só não devem estar, mas de fato nunca estão separadas. Com mais consciência ou menos, vive-se sempre uma experiência cristã tendo-se uma determinada concepção do que quer dizer seguir uma autoridade; portanto, debater este aspecto não significa preocupar-se com questões abstratas que pouco têm que ver com a fé, e sim ajudar-se a fazer com que tal experiência se torne cada vez mais consciente e madura.

No concreto, dizem-nos que é errada a ideia de que **exista no Movimento um ponto último, na situação uma pessoa que possui a única interpretação autêntica do carisma**. Dom Giussani nunca desenvolveu sistematicamente um aprofundamento doutrinal sobre a doutrina do carisma, mas em algumas ocasiões empregou imagens para explicar o que ele significa para nós. Uma vez, por exemplo, definiu o carisma como **“um ímpeto de vida”**. Tal ímpeto de vida foi dado pelo Espírito Santo a Dom Giussani e por ele transmitido de diversas formas a quem aderiu muito ou pouco à sua proposta. Por meio dele, então, esse carisma foi dado à Igreja. **Ninguém, nem sequer Dom Giussani, é “proprietário” do carisma**”, tendo-o recebido e doado. Ele foi o vetor de Graça fundamental para o nascimento de uma nova forma de vida cristã na Igreja.

Agora, se se passa a considerar que tal carisma é sim participado a todos – embora em medida diversa em respeito à liberdade de Deus e à generosidade de cada um –, mas a alguém em medida tão excepcional que que o torne **o único** ou pelo menos **o intérprete supremo no presente**, aí é que começam os problemas. Não só porque esta ideia é em si problemática, mas também pelas consequências que ela tem sobre o método da escolha do sucessor à condução. O erro, e é aqui que a Igreja nos está corrigindo, seria então pensar que a indicação para a designação da autoridade deva **vir de cima** na medida em que somente aquele no qual o carisma vive mais está **habilitado a reconhecer** o seu legítimo sucessor. Por si só, o método de escolha do guia por **cooptação** não seria inadmissível em sentido absoluto, mas torna-se gravemente problemático no momento em que se atribui a essa escolha o tipo de significado que acabei de descrever.

Dizer, porém, que **a autoridade precisa ser eleita** é a tradução prática do princípio de que **o carisma é dado, por querer do Espírito, a todos os batizados que foram conquistados por esse dom**. E portanto a **condução**, embora encarnada num ponto último de referência que é pessoal, e que se espera possa também ser o de maior autoridade moral, **deve ser expressão de uma comunhão**. Se porém se toma por correta a “teoria da sucessão” descrita acima, a autoridade torna-se insubstituível e infalível.

Certo, historicamente CL sempre teve uma autoridade pessoal, e provavelmente continuará a ser assim. Mas o ponto é que, quando se teoriza que a autoridade é autoridade em virtude de uma **compreensão suprema do carisma**, então fica quase inevitável que essa pessoa (e com ela quem a segue) pense que seguir o carisma significa de fato **seguir o seu sentir e a sua interpretação pessoal**.

Mas a Igreja nos chama a reconhecer que **o guia é expressão de uma comunhão, de uma amizade. Somos juntos responsáveis pelo dom recebido**, e assim a proposta educativa é fruto de uma autoridade que vive na **corresponsabilidade**.

O próprio Dom Giussani, como me contaram, na fase final da sua vida disse várias vezes: **«Eu só fui um grande tubo»**. Ou seja, ele deixou passar aquilo que o Espírito queria doar à Igreja para a sua renovação. Aceitou, respeitou esta iniciativa do Mistério, assim como outros a aceitaram depois dele e se tornaram responsáveis por ela.